

# A liberdade no uso de materiais: expressando ideias e sentimentos no contexto escolar

*Freedom in the use of materials: expressing ideas and feelings in the school context*

**LEIDE FAUSTA GOMES DA SILVA\* & MARISE BERTA DE SOUZA\*\***

Artigo completo submetido a 14 de maio de 2016 e aprovado a 21 de maio 2016.

\*Brasil, artista visual e arte-educadora, estudante de mestrado profissional em artes. Licenciatura em Artes, Centro Universitário Claretiano (São Paulo); Formação em Pedagogia — Universidade Federal da Bahia (UFBA).

AFILIAÇÃO: Universidade Federal da Bahia, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Prof. Milton Santos, Mestrando Profissional em Artes. Rua Barão de Jeremoabo, PAF IV, s/n, Ondina, CEP: 40170-115, Salvador-Bahia-Brasil. E-mail: leidefausta@yahoo.com.br

\*\*Brasil, professora, produtora e realizadora de cinema e audiovisual. Bacharelado em Direito — Universidade Católica do Salvador (UCSAL). Mestrado em Artes Visuais — Programa de Pós Graduação da Escola de Belas Artes da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Doutorado em Artes Cênicas, Escola de Teatro, UFBA.

AFILIAÇÃO: Universidade Federal da Bahia, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Prof. Milton Santos. Rua Barão de Jeremoabo, s/n, Ondina, CEP: 40170-115, Salvador, Bahia, Brasil. E-mail: marise.bertha@ufba.br

**Resumo:** O artigo relata duas propostas educativas/ vivências artísticas. Trabalhou-se com pintura corporal e expressões tridimensionais envolvendo situações cotidianas e materiais ordinários disponíveis. Visando a valorização e a ressignificação de materiais sustentáveis, as experiências percorreram o caminho da pesquisa de campo, da coleta de matéria-prima, da preparação dos objetos e da criação. O texto é finalizado com inferências aos resultados alcançados nos processos criativos.

**Palavras chave:** Cotidiano / Experiências artísticas e estéticas / Materiais da natureza.

**Abstract:** *The article reports two educational proposals / artistic experiences. It worked with body painting and three-dimensional expressions involving everyday situations and ordinary materials available. Aimed to give a new value and use to the sustainable materials, the experiences followed the path of field research, of the collection of raw materials, of the preparation of objects and of the creation. The text ends with inferences over the results achieved in the creative processes.*

**Keywords:** *Daily life / Artistic and aesthetic experiences / Nature materials.*

## Introdução

Este artigo busca apresentar e discutir experiências artísticas visuais em sala de aula, pautadas na ampliação do uso de meios expressivos presentes no ambiente que circunda a escola e na concepção de diminuição do consumo de materiais industrializados. As propostas educativas foram realizadas com educandas (os) do 8º ano do Ensino Fundamental II, no ano de 2015, na Escola Municipal São Francisco, situada na vila de Praia do Forte, Bahia, comunidade de raízes tradicionais, constituída pela pesca, artesanato e manifestações culturais — samba de roda, festa junina, caretas, carnaval –, coexistindo com influências contemporâneas por conta do viés turístico presente na região, o que agrega a convivência com diferentes culturas. O relato apoia-se na vivência experienciada, tendo por objetivo promover a sua análise, com a intenção de trazer elementos que possam contribuir para a reflexão sobre a prática docente.

As atividades propostas surgiram de uma inquietação e de uma urgência. A inquietação parte da observação de que no ensino das Artes Visuais ainda é usual recorrer-se a padrões estéticos oriundos das representações clássicas, descontextualizadas e afastadas, temporalmente e espacialmente, do cotidiano da (o) educanda (o). Já a urgência é tributária da imersão nesse cotidiano, possibilidade cuja chave nos é dada pela arte contemporânea, na e pela qual é possível forjarmos um novo mundo permeado de subjetividade e identidade, sem uma ordem preestabelecida, sem estabelecer hierarquias, instigando e estimulando nossos sentidos a novas possibilidades de organizar o mundo.

Assim como muitos artistas das artes visuais se expressam por meio de diferentes materiais para propor novas possibilidades de criação, nós também o fazemos. Entretanto, as nossas experimentações, visando estabelecer uma

forma ampla de relações, são envolvidas por princípios de trabalho em grupo, colaborativo, de negociações, discussão, diálogo, troca de saberes e alternância de liderança, além de relacionarmos os processos de aprendizagem às imagens que nos cercam validando e tornando essas experiências indissociáveis da vida das (os) educandas (os), a fim de constituir um conhecimento objetivo potente e efetivo. Nesse sentido, o pensamento do educador brasileiro Paulo Freire (1921-1997) tornou-se referência necessária a essa prática pedagógica.

O projeto foi desenvolvido em três etapas básicas. A primeira etapa consistiu na escolha da matéria-prima a ser utilizada, levando em consideração os recursos disponíveis no meio ambiente; a constituição dos grupos de trabalho; o levantamento dos locais, a escolha e seleção dos recursos. A segunda privilegiou a pesquisa de campo para extração dos materiais. A terceira e última englobou a preparação dos materiais e o processo criativo.

### **Processos educativos**

As práticas educativas provem do diálogo como princípio essencial de todo processo. Dessa maneira, partiu-se de uma "ideia propositora", referente ao conteúdo estudado, essa ideia foi compartilhada com a turma, onde as (os) educandas (os) puderam opinar, dar novas sugestões e exporem o que pensaram a respeito da proposta inicial, participando, contudo, do início ao fim do percurso educativo. É importante apontar que os conteúdos referidos na matriz curricular da escola não se sobrepuseram aos conhecimentos de vida e ao cotidiano das (os) educandas (os). Como Paulo Freire afirma, "a leitura do mundo precede a leitura da palavra" (1983:11). Então, aprender a ler, é antes de tudo, aprender a ler o mundo interpretando-o, compreendendo o seu contexto; o crucial não é somente a leitura mecânica da palavra, mas uma leitura que articula o conhecimento construído historicamente pela humanidade com o conhecimento vivenciado subjetivamente nas experiências socioculturais, percebendo-se as relações destes com a realidade na qual vivemos, para nela intervir e transformar.

Foram experimentadas vivências criativas que são pertinentes ao campo da arte contemporânea, o que favoreceu a ampliação de possibilidades tanto na utilização de diferentes materiais quanto nos temas a serem expressos. A arte contemporânea traz no seu âmago a liberdade de pensamento e ação, o que aproxima a arte da vida cotidiana e também do meio ambiente. Hoje a arte por si só é capaz de promover aproximações: "misturando cada vez mais questões artísticas, estéticas e conceituais aos meandros do cotidiano, em todas as instâncias: o corpo, a política, a ecologia, a ética" (Canton, 2009:9).

A proposição de trabalharmos com materiais advindos meio ambiente foi

aceita tranquilamente pelas (os) educandas (os), talvez pelo fato da natureza fazer parte do seu dia-a-dia e por estarem em contato com ela constantemente seja através da subsistência, por meio da pesca, do trabalho familiar, do lazer ou do entretenimento. O entorno da escola é repleto de elementos da natureza, por isso as experiências foram desenvolvidas a partir da utilização de recursos naturais, entre eles argila, pigmentos e diversos elementos como: folhas, flores, sementes, frutos, conchas, gravetos, pedras e etc.

A Política Nacional para a Educação Ambiental define no Capítulo I, Artigo 1º, a educação ambiental como sendo:

*Os processos por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, bem de uso comum do povo, essencial à sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade. (Brasil, Ministério da Educação & Ministério do Meio Ambiente. 1999).*

Contudo, geram-se algumas indagações: Como desconstruir conceitos que foram enraizados através da educação de que a natureza é eterna e existe somente para nos satisfazer? Como reaproximar o ser humano da natureza uma vez que os princípios de dicotomia disseminados pela modernidade persistem até hoje? Como estabelecer relações criativas, de interação com a natureza e de diálogo? O que podemos trocar com a natureza ao invés de só explorá-la? Como podemos contribuir para sua preservação? Como podemos mostrar a sua importância, já que ela nos proporciona diferentes estéticas, energia, momentos lúdicos e dela dependemos para viver?

A ideia de trabalhar com matérias-primas vindas da natureza, dentre outros motivos, surgiu da necessidade de oportunizar as (aos) educandas (os) vivências significativas, que fossem mediadas por componentes do seu cotidiano, tanto naturais quanto culturais.

Ana Mae discute sobre o papel da Arte no desenvolvimento cultural, na publicação Tópicos Utópicos, salientando:

*A arte na educação como expressão pessoal e como cultura é um importante instrumento para a identificação cultural e o desenvolvimento. Através das artes é possível desenvolver a percepção e a imaginação, apreender a realidade do meio ambiente, desenvolver a capacidade crítica, permitindo analisar a realidade percebida e desenvolver a criatividade de maneira a mudar a realidade que foi analisada. (Barbosa, 1998:16).*

É interessante considerarmos a afirmação da autora quando ela versa a respeito da função social e política da arte, uma vez que, a arte na educação proporciona a reflexão sobre a realidade e através dela podemos ainda, criar novas possibilidades e novas formas de perceber e interpretar o ambiente a nossa volta. Pensarmos o ensino da arte também como um meio de provocação e transformação da realidade, assim como, mediadora do diálogo entre os (as) educandos (as) e a cultura do cotidiano, faz-se necessário no contexto da contemporaneidade.

Segundo Freire em sua obra *Pedagogia do Oprimido*, "[...] ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo; os homens se educam em comunhão [...]" (Freire, 2005:79). Então não é na transmissão mecânica de conhecimentos é na troca de saberes, na interação com o meio ambiente no qual estamos inseridos, que sentimos, percebemos e aprendemos. Por isso os conhecimentos prévios trazidos para a escola pelas (os) educandas (os) foram fundamentais para o percurso do fazer criativo individual e coletivo. Como também essa relação de troca e interação proporcionou o estreitamento dos vínculos afetivos entre professora-educandas (os) e educandas-educandas (os).

Para a realização das vivências com argila e pigmentos naturais a turma foi dividida em grupos de trabalho. Cada grupo ficou responsável em coletar, na pesquisa de campo, os recursos necessários, que embora considerados objetos ordinários, demonstraram-se meios com grande potencial expressivo. Depois voltávamos ao espaço escolar a fim de preparar o material e iniciarmos o processo de criação.

Na vivência expressões tridimensionais as (os) educandas (os) colocaram literalmente as mãos na massa, puderam experimentar a partir da técnica de modelagem em argila, qualidades como: temperatura, textura, densidade e cheiro. O barro foi coletado em um terreno próximo à escola e levado para a sala de aula, lá se iniciou em grupos a limpeza da argila, tirando as impurezas (gravetos, pedras, resíduos). Em seguida, o material foi regado com água e amassado até atingir a consistência apropriada. Ao atingirem a firmeza e maleabilidade necessárias iniciaram-se as modelagens individuais para criação das imagens.

A vivência artístico-estética foi pautada pelo envolvimento integral das (os) educandas (os) nas atividades propostas, mobilizadas (os) a partir de sensações e emoções potencializadas pela experiência sensível, além de atuarem como sujeitos livres, na pesquisa e na criação espontânea das imagens tridimensionais, sem desvincular-se das influências culturais.

John Dewey, em sua obra *"Arte como experiência"*, atribui significado à vivência e às circunstâncias da experiência artístico-estética, afirmando:

*Ao manipularmos, tocamos e sentimos; ao olharmos, vemos; ao escutarmos, ouvimos. A mão se move com a agulha usada para gravar ou com o pincel. O olho acompanha e relata a consequência daquilo que é feito. [...] Em uma enfática experiência artístico-estética, a relação é tão estreita que controla ao mesmo tempo o fazer e a percepção.* (Dewey, 2010:130).

O trabalho com modelagem em argila possibilitou a experimentação de diversas formas, onde as (os) educandas (os) construía(m) e desconstruía(m) as formas, procurando os efeitos de representação até chegar à que mais lhe agradava de algum jeito, escolhendo a imagem “definitiva”, que expressava suas ideias e sentimentos. (Figura 1 e Figura 2). A esse respeito a artista plástica Fayga Ostrower, no seu livro *Criatividade e Processos de Criação* explica poeticamente sobre formar e transformar nos levando a refletir sobre o processo criativo:

*Ao fazer, isto é, ao seguir certos rumos a fim de configurar uma matéria, o próprio homem com isso se configura. [...] em moldando a terra moldou a si próprio. Seguindo a matéria e sondando-a quanto à “essências do ser”, o homem impregnou-a com a presença de sua vida, com a carga de suas emoções e de seus conhecimentos.* (Ostrower, 2010:51).

Reafirmando, contudo a ideia de que criando, nos recriamos; ao agir sobre algo, neste caso a argila, também somos afetados, pelo movimento do fazer e refazer reelaboramos assim sentimentos e conceitos.

Ao final do trabalho, pode-se perceber que além de exercitarem os saberes adquiridos anteriormente puderam através da troca de experiências, ampliar seus repertórios artísticos e estéticos, através do próprio fazer na interpretação e representação do mundo; e vivenciar a leitura e apreciação das imagens produzidas pelas (os) colegas.

Já a experiência com pinturas corporais teve como cerne as pesquisas e os estudos sobre a Arte Indígena brasileira, que apesar da diversidade étnica, possui elementos comuns como: a arte plumária, a cestaria (trançado), a pintura corporal e outros. Desta forma, as (os) educandas (os) tiveram a oportunidade de entrar em contato com a prática de conceitos e teorias trabalhadas em sala de aula, podendo assim, reelaborar tais conhecimentos atribuindo-lhes sentido.

A tinta foi produzida pelas (os) educandas (os) utilizando como ingredientes o suco do fruto jenipapo, misturado ao carvão raspado em pedra. Intuitivamente alguns grupos optaram por incluir cola branca na mistura, mas não foi obtido o resultado esperado, perceberam que a tinta não aderiria à pele e saía com facilidade, daí reiniciaram a produção considerando o processo anterior. Este acontecimento é um exemplo de conhecimento empírico, no qual, a partir da elaboração de hipóteses puderam fazer induções, testes e tentativas chegando à conclusão de que deveriam voltar ao caminho



**Figura 1** · Criações das (os) educandas (os) utilizando a argila coletada. Escola Municipal São Francisco, Praia do Forte-Bahia. Foto: Anita. Fonte: própria.

**Figura 2** · Peça criada utilizando a argila coletada. Escola Municipal São Francisco, Praia do Forte-Bahia. Foto: Anita Tavares. Fonte: própria.

inicial, exercitando assim, habilidades de percepção, criatividade e raciocínio.

Neste trabalho os temas pintados eram escolhidos também coletivamente, ou seja, quem pintava e era pintado dialogava a respeito do desenho a ser feito, discutiam como e em que parte do corpo iriam concretizar a pintura. (Figura 3). Foram utilizados gravetos, varetas, taliscas de palha de coqueiro e palitos na realização das pinturas, as quais expressavam sentimentos e ideias sejam elas de elementos subjetivos e/ou simbólicos.

Foi nítida a autonomia das (os) educandas (os) no desenvolvimento das atividades e a vontade por elas (es) demonstrada durante o processo; entusiasmaram-se e mostraram satisfação ao manipular os materiais, em poder compartilhar com a turma seus conhecimentos, como também ao serem pintadas (os) e ao pintarem o corpo das (os) colegas não esboçaram qualquer receio em tocar o outro, ao contrário expressavam contentamento e alegria (Figura 4). Neste contexto é relevante citar Dewey quando ele nos alerta ao dizer:

*Não é possível separar entre si, em uma experiência vital, o prático, o intelectual, e o afetivo, e jogar as propriedades de uns contra as características dos outros. A fase afetiva liga as partes em um todo único; “intelectual” simplesmente nomeia o fato de que a experiência tem sentido; e “prático” indica que o organismo interage com os eventos e objetos que o cercam. (Dewey, 2010:138).*

Este trabalho traz à tona a impossibilidade de dissociarmos o sentir, o pensar e o fazer, uma vez que, os corpos em interação na experiência vital, como destaca Dewey, é um ser em vivência integral, onde tais dimensões se unem no tempo e no espaço expandido. É interessante convidarmos para esse diálogo Ostrower, ao enfatizar que, “o processo criador elabora-se nos múltiplos níveis do ser sensível-cultural-consciente do homem, e se faz presente nos múltiplos caminhos em que o homem procura captar e configurar as realidades da vida.” (Ostrower, 2010:27).

### **Considerações finais**

As experiências aqui apresentadas retratam como as relações de troca de saberes e as relações afetivas entre as (os) educandas (os) e a sua interação com a natureza ampliam a possibilidade de expressão de ideias e sentimentos provocando criações artísticas e estéticas de maneira significativa, facilitando a surgimento e/ou manutenção de vínculos de cooperação, solidariedade e intimidade.

A observação atenta e o estudo de campo permitiu uma percepção detalhada do ambiente, pois a provocação do olhar colaborou para o aparecimento de novos olhares, diferentes formas de ver, apreciar e agir. Acreditamos também





**Figura 3** · Educandas da Escola Municipal São Francisco, Praia do Forte-Bahia, fazendo pintura corporal com pigmentos naturais. Fonte: própria.

**Figura 4** · Educandos fazendo pintura no corpo do colega e preparando a tinta. Escola Municipal São Francisco, Praia do Forte-Bahia. Fonte: própria.

que a utilização dos recursos naturais levaram as (os) educandas (os) a refletirem sobre possíveis alternativas dentro da sociedade consumista, na qual estamos inseridos, como também faz-nos pensar em posicionamentos de defesa, preservação e estabelecimento de uma relação consciente com o meio ambiente — tão descuidado e degradado —, uma vez que, coletamos o material sem prejudicar o equilíbrio existente.

Os processos criativos mostraram que oportunizar às (aos) educandas (os) vivências que possibilitem fazer escolhas, trocar ideias, construir conhecimentos, tomar decisões, trabalhar coletivamente, produzir e criar esteticamente, contribuem para a reflexão e ação diante do mundo em que vivemos, fortalecendo assim a autonomia, a identidade e a subjetividade.

Ao fim, reiterando o pensamento deweyano, em que a concepção estética não é contemplação passiva de objetos inertes, é ativa e dinâmica, pode-se aferir essa vivência em arte como uma experiência do ato expressivo, sensível e criador em que ideias e sentimentos foram ordenados em uma mesma chave, executados em uma mesma operação.

## Referências

- Barbosa, Ana Mae. (1998) "Arte como cultura e expressão". In: Barbosa, Ana Mae. *Tópicos utópicos*. Belo Horizonte: C/Arte.
- Brasil, Ministério da Educação & Ministério do Meio Ambiente. (1999). *Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999. Dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências*. [Consult. 2016-03-03] Disponível em URL: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/L9795.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9795.htm)
- Canton, Katia. (2009). *Tempo e memória*. São Paulo: WMF Martins Fontes.
- Dewey, John. (2010). *Arte como experiência*. São Paulo: Martins Fontes.
- Freire, Paulo. (1983). *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. 5. ed. São Paulo: Cortez.
- Freire, Paulo. (2005). *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Ostrower, Fayga. (2010). *Criatividade e Processos de Criação*. 25. ed. Petrópolis: Vozes.